

Capítulo VI

O III Encontro Comunidade Saudável e os desafios do futuro no São Marcos

José Pedro Soares Martins

O Centro de Convenções da Unicamp transformou-se, entre 5 e 8 de maio de 2003, em uma usina de idéias e propostas de como fazer uma comunidade saudável. No III Encontro Comunidade Saudável, promovido pelo IPES e Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, estiveram em discussão as principais áreas em que Universidade, setor público e sociedade organizada estão cooperando, para a construção de uma comunidade e um município saudável nos termos dos conceitos defendidos pela Organização Panamericana e Mundial de Saúde (OPAS/OMS).

Pesquisadores universitários, técnicos e dirigentes do setor público, das Prefeituras de Campinas e Pedreira, mas principalmente agentes comunitários de saúde, lideranças sociais, artistas e educadores populares, estiveram envolvidos em mesas-redondas e oficinas, para debater os três principais temas do Encontro: Saúde da Família, Educação Continuada e Economia Solidária.

A presença da Economia Solidária entre os principais temas representou a grande novidade do III Encontro Comunidade Saudável em relação às primeiras edições. Trata-se de um evidente reconhecimento de que uma comunidade saudável apenas pode ser efetivamente construída com a existência de condições de renda e emprego para todos os seus integrantes. A inclusão da dimensão da Economia Solidária representa, entretanto, apenas uma consequência natural da ampla visão de saúde defendida pela OPAS/OMS no marco do Programa Municípios/Comunidades Saudáveis. Saúde como espelho do desenvolvimento integral do ser humano e como resultado de condições ambientais, sanitárias, sociais, educacionais, culturais e de moradia dignas para a população.

Outra característica central do III Encontro foi o da perspectiva da intersectorialidade, ou seja, os expositores e participantes refletiram

sobre como é possível consolidar uma ação intersetorial, entre as áreas da saúde, educação, cultura, economia solidária e outras, na linha da edificação da comunidade saudável. Em resumo, o III Encontro foi um momento precioso de reflexão sobre os rumos do projeto comunidade saudável na região São Marcos, a partir da análise do que tem feito cada setor diretamente envolvido: Universidade, IPES, Secretaria Municipal de Saúde, entidades sociais e comunidade organizada. Participaram ainda do Encontro técnicos e agentes comunitários de saúde de Pedreira, onde os conceitos do Programa Municípios/Comunidades Saudáveis da OPAS/OMS também estão sendo implementados.

O III Encontro também representou um sinalizador de rumos, um indicador de tendências para o futuro. Uma das principais decisões do evento, a realização do IV Encontro na própria região São Marcos, e não mais no ambiente universitário, foi um claro sinal emitido, o de que a Universidade está realmente disposta a buscar um diálogo cada vez mais profundo e resolutivo com a comunidade, seguindo o conceito de pesquisa-ação que fundamenta a atuação do IPES e da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp.

Compromisso e emoção na abertura

A abertura do III Encontro, na noite de 5 de maio, foi marcada pela reafirmação dos compromissos dos parceiros com os conceitos do Programa Municípios/Comunidades Saudáveis da OPAS/OMS. Participaram da cerimônia representantes das Prefeituras de Campinas e Pedreira, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, IPES, Serviço de Saúde “Cândido Ferreira” e SOS Ação Mulher.

O presidente do IPES e do III Encontro, prof.Humberto Rangel, ressaltou o papel da Conferência de Ottawa, de 1986, como um marco no processo de consolidação de um novo conceito de saúde, o do equilíbrio bio-psíquico-social (ver depoimentos ao longo deste capítulo). O pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, Rubens Maciel Filho, destacou por sua vez a importância do projeto Comunidade Saudável na redefinição da extensão universitária.

A MUDANÇA DE PARADIGMAS NA SAÚDE

(Palavras do professor Humberto Rangel, na abertura do III Encontro Comunidade Saudável)

“Há momentos na vida de cada um de nós em que tomamos consciência da necessidade de mudar de rumos. Os velhos conceitos, os velhos hábitos, já não mais condizem com a realidade e precisamos então rever conceitos e introduzir novas práticas. Há também, na vida dos povos, períodos de crise, de mudança de paradigmas, em que a nação resolve mudar os rumos do próprio destino.

Não há como negar que o Brasil, a partir de 1988, esteja realizando um enorme esforço visando a mudar conceitos e práticas para adequar a política pública de saúde às necessidades deste país de dimensões continentais. O artigo 196 da nossa Constituição, explicitando que:

“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Essa consideração define os conceitos de uma política pública de saúde voltada para todos os homens, o homem comum, sem privilégios para os que podem pagar. A implantação subsequente do Sistema Único de Saúde – SUS – um avançado sistema público de atendimento, a criação da categoria dos Agentes Comunitários de Saúde e sua incorporação ao Programa Saúde da Família, instituído poucos anos depois, são exemplos inequívocos de rumo de uma política pública de saúde coerente com os dizeres da Constituição.

Essas mudanças levaram a melhorias significativas dos índices de saúde do país. Porém, melhor ainda, elas desencadearam um processo de mudança de conceitos, alinhado com os avanços internacionais no setor de políticas públicas de saúde. Depois da Conferência Internacional de Ottawa, em 1986, reconhece-se que a saúde não é

apenas a ausência de doença. É um estado de equilíbrio bio-psíquico-social que para ser atingido necessita de políticas intersetoriais coerentes com a declaração dos direitos dos homens:

“As condições e requisitos para a saúde são: a paz, a educação, a moradia, a alimentação, a renda, um ecossistema estável, justiça social e equidade”.

Não basta, portanto, curar e prevenir doenças para se atingir a saúde. É preciso promover a saúde, mobilizando as instituições públicas e privadas, toda a comunidade num esforço conjunto de estabelecer relações harmoniosas, cooperativas e solidárias para constituir uma Comunidade Saudável.”

APRIMORAMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

(Rubens Maciel Filho, Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp)

“O projeto comunidade saudável representa um grande aprimoramento da atividade de extensão, que deve ser uma das características da Universidade. Trata-se de transferir metodologias, conhecimentos, de um modo prático para o desenvolvimento das comunidades, principalmente as comunidades carentes. É muito importante, também, que essa ligação entre a academia e a comunidade esteja ocorrendo com o objetivo de desenvolver um conceito mais amplo de saúde e de qualidade de vida”.

Os demais expositores na sessão de abertura do III Encontro acentuaram os desafios para a intersetorialidade e para o aprimoramento da rede formada por setor público-Universidade-organizações sociais-comunidade organizada. O coordenador do Serviço de Saúde “Cândido Ferreira”, Willians Valentim Júnior, reiterou a necessidade de investimento no capital social para a concretização da comunidade saudável.

A secretária municipal de Saúde de Campinas, Maria do Carmo Carpintero, resgatou o histórico de compromisso dos serviços

municipais de Saúde com o processo da comunidade saudável. O representante da OPAS/OMS, Javier Spínola, expressou a opinião de que o projeto em curso em Campinas pode vir a servir de referência para outros Municípios, pelo que ele representa em termos de participação comunitária e de procura da ação intersetorial.

RECUPERAR E FORTALECER O CAPITAL HUMANO

(Willians Valentim Júnior, Superintendente do Serviço de Saúde “Cândido Ferreira”)

“O desafio de construir uma comunidade saudável, que vem sendo desenvolvido em Campinas com o Programa Paidea, o Programa de Saúde na Família e iniciativas como mudanças de conceitos em hospitais psiquiátricos, está ligado à modificação do olhar das pessoas para o potencial que elas carregam dentro de si. Construir uma comunidade saudável é então desenvolver o capital social, o capital humano, e Campinas é uma cidade muito rica em capital humano. Por isso acredito muito na construção de uma comunidade saudável nessa cidade”.

UM OLHAR ATENTO PARA OS RISCOS À SAÚDE

(Maria do Carmo Carpintero, Secretária Municipal de Saúde de Campinas)

“O agente comunitário de saúde representou um enorme salto de qualidade para o sistema de saúde. Como um membro da própria comunidade, o agente levou o olhar externo para a equipe de saúde. Com o agente, o sistema passou a ter, então, um olhar mais atento para os riscos à saúde da população, que não se restringem aos fatores diretamente responsáveis por doenças. Existem os riscos sociais, ambientais. Essa é uma enorme mudança de paradigma, pois significa a crítica à visão meramente biológica da saúde. O desafio é construir uma rede mais articulada, intersetorial, para responder à complexidade de uma realidade em área metropolitana como a de Campinas”.

PROJETO PODE SER REFERÊNCIA

(Javier Spínola, representante da OPAS/OMS)

“O projeto de comunidade saudável que vem sendo desenvolvido em Campinas é muito importante porque está consolidando o enfoque interinstitucional da qualidade de vida e da saúde. Nesse sentido o projeto pode vir a ser uma referência para outras comunidades, no sentido de formação de redes para a promoção da saúde de acordo com os conceitos da OPAS e OMS”.

O tom de emoção na abertura do III Encontro Comunidade Saudável ficou por conta das manifestações culturais. Apresentaram-se a Orquestra Comunitária da Unicamp, um projeto musical de extensão da Universidade, e o grupo Savuru, integrado por moradores da região São Marcos. O resgate do canto sofrido e esperançoso do povo negro e a expressão da mais legítima tradição cultural erudita – que incluiu a releitura de clássicos da Música Popular Brasileira e do pungente tango de Astor Piazzola – constituíram um rico painel da biodiversidade cultural brasileira e latinoamericana, acenando para uma das dimensões essenciais da construção coletiva de países e de comunidades saudáveis.

ECONOMIA SOLIDÁRIA É OXIGÊNIO PARA MUDANÇAS

(Rita de Cássia Argarten Marchiore, secretária municipal de Assistência Social de Campinas)

“A incorporação da perspectiva da economia solidária no projeto de comunidade saudável é um grande avanço. É algo ousado, um oxigênio para o esforço de transformação social. É uma forma da academia estar pensando no concreto, na realidade das pessoas, e hoje um dos grandes desafios para a sociedade brasileira é a geração de renda, é a inclusão de milhões de trabalhadores no processo produtivo”.

Os avanços da saúde da família

O segundo dia do III Encontro, a 6 de maio, foi marcado pelas discussões a respeito do Programa de Saúde da Família e da nova visão de Promoção da Saúde associada aos conceitos dos Municípios/Comunidades Saudáveis. Os ganhos obtidos pelos serviços de saúde, e, especialmente, pelo Programa de Saúde da Família, a partir da incorporação e participação cada vez mais ativa dos agentes comunitários de saúde foram ressaltados por vários participantes, membros das mesas-redondas e pelos próprios agentes comunitários.

SEGUNDA GERAÇÃO DE AGENTES COMUNITÁRIOS

(Jorge Luis Rodrigues, um dos dois filhos da fotógrafa e agente comunitária Maria Lúcia Rodrigues. Kursou até o segundo grau e passou no concurso para agente comunitário de saúde no São Marcos. Já pertence, então, a uma segunda geração de agentes em sua região.)

“Eu não sabia muito bem o que era ser agente comunitário, mas passei e estou gostando muito. O agente é o elo entre o centro de saúde e a população. É um elo que não tinha. Ele é a pessoa que leva os problemas da comunidade para o centro de saúde. Com isso aparecem problemas que antes não chegavam à área da saúde. É muito importante isso”.

A primeira mesa-redonda, na manhã do dia 6, teve uma discussão especial sobre espaços dedicados ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. O representante da OPAS/OMS, Javier Spínola, apresentou a proposta de constituição de Espaços Jovens, com o propósito de estimular o protagonismo juvenil e de facilitar o acesso de crianças e adolescentes a informações básicas sobre como alcançar o seu desenvolvimento integral.

Foi unânime a opinião de que faltam espaços físicos para trabalhos com a juventude nos bairros de famílias de baixa renda em áreas metropolitanas como a de Campinas. A existência e a estruturação desses espaços foram consideradas estratégicas para o desafio de

inserção das crianças e adolescentes no processo de conquista da cidadania plena e de formação de comunidades saudáveis.

Nesse sentido foi considerado lamentável o fechamento temporário do Espaço Esperança, o local que reúne vários serviços públicos e que vem se constituindo, desde o final do século 20, em ponto de referência para cidadãos e grupos organizados da região São Marcos. O empenho de todos os parceiros no Comunidade Saudável pela imediata reabertura do Espaço Esperança seria, de fato, uma das deliberações do III Encontro, aprovada na sessão final de 8 de maio.

É DIFÍCIL SER JOVEM NA PERIFERIA

**(Jorge Rodrigues, professor popular na região São Marcos/
Amarais)**

“É muito difícil ser jovem na periferia. Não há onde ir, o que fazer, o que gastar. Ele não pode sair a toda hora, não pode ir a uma festa. Não há perspectiva, por isso existe a raiva do sistema e por isso, às vezes, o jovem caminha para o vício, a droga e a violência. É preciso fazer com que esse jovem perceba que pode mudar a sociedade onde vive. O primeiro passo é abrir espaços para o jovem. Os espaços que existem, às vezes, são para enquadrar o jovem, são para que ele aceite as coisas do jeito que estão”.

Foto: Antoninho Perri, Ascom/Unicamp



Parte da mesa de abertura do III Encontro Comunidade Saudável, vendo-se da esquerda para a direita: Dra. Maria do Carmo Carpintero, Secretária Municipal de Saúde; Prof. Dr. Rubens Maciel Filho, Pró-Reitor de Extensão da UNICAMP; Prof. Dr. Humberto A. Rangel, Presidente do IPES; Dr. Javier Spíndola, representante da OPAS-OMS.

AMPLIAR O OLHAR SOBRE O ADOLESCENTE

(Iana Lícia de Barros Lopes, assistente social, coordenadora do Espaço Esperança)

“É preciso ampliar o olhar sobre a criança e o adolescente. O seu desenvolvimento integral necessita algo mais do que a Educação e a Saúde tradicionais. Ele precisa de oportunidades para manifestações culturais, tanto da cultura popular como da erudita. Não é verdade, por exemplo, que o povo não gosta de música clássica. É preciso que ele tenha oportunidades para esse contato. Outra coisa é a necessidade de se pensar historicamente. Às vezes as pessoas querem mudanças muito velozes, quando elas ocorrem realmente com o tempo”.

Em uma das mesas-redondas do dia 6 de maio, a professora Marcia F. Westphal deu informações sobre a Rede Paulista de Municípios Saudáveis, constituída a partir do Projeto de Ampliação do Movimento por Municípios Saudáveis no Estado de São Paulo, desenvolvido pelo Centro de Estudos, Pesquisas e Documentação em Municípios/Cidades Saudáveis (CEPEDOC) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

A Rede Paulista já é integrada por cinco municípios paulistas: Bertioxa, Lins, Itaoca, Motuca e Ribeira. A professora Westphal indicou as diretrizes que vêm sendo observadas na constituição da Rede Paulista de Municípios Saudáveis: I – Intersetorialidade, II – Protagonismo juvenil, III – Serviço Amigo do Adolescente, IV – Formação de Redes, V – Atenção especial para questões de Gênero e Vulnerabilidade Social, VI – Trabalho com a Família.

NOVO MODELO DE GESTÃO

(Márcia F. Westphal, do Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação em Municípios/Cidades Saudáveis da Faculdade de Saúde Pública/Universidade de São Paulo)

“Para se ter um município ou uma comunidade saudável é essencial um novo modelo de gestão pública, em que todos os setores estejam articulados, que seja participativo e que as decisões sejam tomadas com base nos problemas reais da população. Mas também é fundamental o compromisso político do prefeito com o processo e que a implantação dos conceitos do município e comunidade saudável façam parte de um planejamento e um pensamento estratégico, de longo prazo.”

EDUCAÇÃO CONTINUADA E COMUNIDADE APRENDENTE

A Educação Continuada foi o tema geral das mesas-redondas do dia 7 de maio. Uma opinião de consenso foi a de que todo o processo de construção de uma comunidade saudável é fundamentalmente um processo pedagógico, que educa os seus participantes para a ação política e para a busca da cidadania.

Para a professora Marisa Nunes Galvão, da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Unicamp, os membros de uma cooperativa popular, por exemplo, estão em sua prática “gerando conhecimento, saberes próprios, além do processo de fabricação de um produto em si”. Nessas cooperativas, na opinião da pesquisadora, estão sendo construídos e observados “outros valores de uma nova cultura do trabalho”, o que confirma o caráter pedagógico das iniciativas ligadas à Economia Solidária.

A representante da Secretaria Municipal de Saúde, Vânia, ratificou a idéia de que ações vinculadas ao conceito de comunidade saudável, como a atuação dos agentes comunitários de saúde, representa uma clara manifestação da Educação Continuada. A médica destacou que a formação do agente comunitário em Campinas segue a metodologia pedagógica do **Construtivismo**, muito relacionado com o conceito de Educação Continuada.

Além disso, a médica lembrou que as equipes e unidades de saúde que integram o sistema municipal de Saúde de Campinas têm servido como área de estágio para os alunos e profissionais saídos de escolas de saúde. São três Universidades e 18 escolas de ensino médio que têm alunos participando regularmente de estágios em diversas áreas da rede municipal de Saúde de Campinas.

ENSINAR A PESCAR

(Cristina Estevam de Andrade, agente comunitária na região São Marcos. Natural de Natal, no Rio Grande do Norte, está em Campinas desde 1994, trabalhando inicialmente como empregada doméstica. Fez um curso de atendente de enfermagem e outro de desenho, no Espaço Esperança, onde passou a atuar como voluntária. Fez o primeiro curso de agentes comunitários em 2001, e desde então se consolidou como uma das lideranças da comunidade, trabalhando por exemplo com a geração de renda por meio da cultura popular. Criou o Grupo Associativo Estandarte. Tem três filhos)

“Busquei a criação de meus espaços, fui atrás de cursos, de oficinas, e acho que a Educação é a saída para melhorar de vida. Mas é preciso ensinar a pescar, não adianta apenas dar cesta básica ou leite para os mais carentes. É como ter um filho, nós o ensinamos a andar mas não podemos estar sempre por perto depois. Por isso acho importante termos mais cursos, mais oficinas, mais oportunidades para que as pessoas encontrem meios de produzir renda”.

O OUTRO PRECISA DE ATENÇÃO

(Eni Inácio Machado Cardoso, agente comunitária de Saúde na região São Marcos. Natural de Minas Gerais, instalou-se com a família no São Marcos e estudou até o segundo grau em escolas da região. Diz que desde a infância em Minas Gerais gostava de “ajudar as pessoas”. Em 2001 passou no concurso para agente comunitária de Saúde na região.)

“Ser agente comunitário é estar envolvido com a comunidade, é promover a saúde como um todo. Não adianta apenas dar remédio. Às vezes o outro precisa apenas de atenção, de alguém que o ouça e fale com ele. Não é só cuidar do físico, então. Acho que é possível ter saúde, sim, mas a estrutura que temos não dá condição. É preciso melhores condições para trabalhar com o jovem mas também com o idoso, com a família toda”.

O conceito de Comunidade Aprendente foi desenvolvido, por sua vez, pelo professor José Armando Valente, do Departamento de Multimeios da Unicamp. Para o pesquisador, Comunidade Aprendente seria aquela formada por pessoas que, de modo permanente, contínuo, ensinam o que sabem e aprendem o que desejam. Trata-se, então, de uma comunidade consciente da possibilidade de ensinar e de aprender de forma constante.

Para o professor Valente, as novas tecnologias de comunicação, como a Internet que permite a Educação à Distância, por computador, podem ajudar na formação de sólidas Comunidades Aprendentes. Por isso considera estratégicos os laboratórios de informática que já foram instalados na região São Marcos, como parte do Projeto que tem IPES, Unicamp e Fapesp como parceiros, entre outros. Ele lembrou que a Unicamp desenvolveu um sistema de educação à distância, batizado de Teleduc, que pode ser aprimorado para uma utilização cada vez mais eficiente para a formação de Comunidades Aprendentes.

O pesquisador alertou, contudo, para o fato de que a constituição de Comunidades Aprendentes exige uma nova postura em relação ao processo educativo. “A Comunidade Aprendente parte do pressuposto de que as pessoas sabem e têm necessidade de aprender, e não mais do pressuposto de que as pessoas não sabem nada e necessitam de um educador que detém o saber, como é o caso da educação tradicional”.

GUARDAR NA MEMÓRIA DO POVO

(Maria Lúcia da Silva Rodrigues, fotógrafa. Bisneta de índios caraibas, de Pernambuco, saiu pequena de sua terra e morou no Mato Grosso do Sul e no interior de São Paulo, onde sua família sempre lidou com agricultura, até se fixar em Campinas.)

“A gente quebrava milho para comer, eu me lembro de um grupo de macacos que ficava nos observando nas árvores e acho que riam de nós. Sempre gostei de milho, principalmente milho cozido, e de mandioca, batata doce. Não sou fã de carne. Meus pais e minhas

irmãs viemos morar nos Amarais e no começo não tínhamos moradia. Passamos a viver em um barraco e nós começamos trabalhando como domésticas. A gente dormia no trabalho e voltava para casa só nos finais de semana. Fiz supletivos e de repente aconteceu a coisa da fotografia. Eu tinha uma máquina pequena, gostava de ficar registrando tudo. Na verdade eu sempre guardei tudo na memória. No curso do IPES de agente comunitário em 2001 eu ficava fotografando tudo, cada movimento, cada gesto. Tomei cada vez mais gosto pela coisa e fiz um financiamento para comprar uma máquina melhor. Passei a fotografar tudo no bairro, as casas, os barracos, os esgotos, o lixo e principalmente as pessoas. Acho que a nossa região será muito bonita no futuro e quero que meus netos saibam como era antes. Foi maravilhoso estar no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2002 e 2003, tirei fotos até daquele que viria a ser presidente da República. Além das fotos dou aulas hoje, para 35 alunos, sem remuneração mesmo porque acho que a gente não pode olhar só para o próprio umbigo. Podemos ajudar muito as outras pessoas.”

Foto: Maria Lucia Rodrigues



O Prof. Fernando de Almeida fala sobre o tema Educação Continuada.

Foto: Maria Lucia Rodrigues



A Dra. Elsa Cenciç comenta o tema Educação continuada.

Foto: Maria Lucia Rodrigues



Artesanato produzido pelo Grupo Associativo Estandarte.

Foto: Maria Lucia Rodrigues



A fotógrafa Maria Lúcia Rodrigues e o vereador Gilberto Rodrigues.

Foto: Maria Lucia Rodrigues



Maria Nazareth Evangelista dos Santos, Neusa Aguiar e Maria Erlinda Duckur Cassab

Foto: Maria Lucia Rodrigues



Os Agentes comunitários Eni Inácio Machado Cardoso e Jorge Luis Rodrigues

EDUCAÇÃO NÃO LETRADA TAMBÉM É IMPORTANTE

(Maria Nazareth Evangelista dos Santos, professora e agente comunitária. Natural de Pernambuco, morou com os pais e muitos irmãos no Paraná antes de se fixar em Campinas.

Trabalhava como professora de Educação Especial no Município até 1998. Em 2001 fez o curso de agentes comunitários do IPES/Unicamp e desde então atua como grande liderança da comunidade no Santa Mônica/São Marcos.)

“Eu morava próximo da favela, mas até o curso do IPES não tinha realmente um grande envolvimento. Mas passei a me envolver cada vez mais e acho importante estar trabalhando com as mulheres, recuperando a arte do fuxico e ensinando o que a gente sabe. Estes Encontros Comunidade Saudável são muito importantes, porque é importante principalmente para a comunidade falar, eles querem ser ouvidos. Será ainda melhor com o IV Encontro na própria comunidade.

Uma questão importante é valorizar a Educação como um todo, não apenas a letrada, por que a não letrada é igualmente importante para o povo. O que importa acima de tudo é a auto-estima, o auto-sustento da população, e isso passa pela educação continuada”.

Foto: Maria Lucia Rodrigues



Jorge Rodrigues fala durante o IV Encontro Comunidade Saudável.

DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Os desafios da construção da Economia Solidária, em uma realidade social como a brasileira de altos índices de desemprego e de baixa renda da maioria da população, foram discutidos no terceiro e último dia do III Encontro Comunidade Saudável, a 8 de maio.

A formação de cooperativas populares para a reciclagem de resíduos, já existentes em várias regiões de Campinas, foi um dos pontos em discussão. Também foi analisada a atuação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp – e igualmente de outras instituições universitárias – no apoio a iniciativas de Economia Solidária, o que pressupõe uma desafiadora transferência de

conhecimento acumulado pela Universidade para utilização prática pela comunidade. Não foram deixados de lado, porém, os riscos ligados à Economia Solidária, que foram acentuados de modo especial pelo filósofo Leopoldo Thiesen, da ITCP/Unicamp.

RISCOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

(Leopoldo Thiesen, filósofo, da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp)

“A economia solidária é fundamental, entre outros aspectos, pela necessidade de manutenção dos recursos necessários à vida. São recursos finitos mas que em uma economia capitalista são considerados inesgotáveis e propriedade de poucos. Mas também existem alguns riscos para a economia solidária, como o de ser enquadrada no sistema capitalista se resvalar para a vala escorregadia do assistencialismo, do meramente caritativo. A economia solidária não pode perder, então, a sua dimensão crítica, o seu potencial transformador, o que ocorreria se for enquadrada na lógica capitalista, na função caritativa, reformista do sistema. Uma das contribuições da economia solidária é a radicalização da democracia que ela pressupõe. Não existe realmente a radicalização da democracia sem a democratização da economia”.

Conclusões e propostas do III Encontro

A tarde do III Encontro Comunidade Saudável foi dedicada às conclusões e à formulação de propostas pelos participantes. Também foram apresentados os resultados das oficinas temáticas realizadas durante o Encontro, sobre os três eixos principais: Saúde da Família, Educação Continuada e Economia Solidária.

Uma das conclusões foi a do reconhecimento do avanço para o sistema de saúde municipal com a incorporação da figura do agente comunitário, como elo de ligação entre a comunidade e a unidade básica de saúde. Outra conclusão, a constatação do desafio que ainda representa a intersectorialidade, a ação conjunta e integrada entre as diferentes áreas que trabalham pela construção da comunidade saudável, como as áreas da Saúde, Educação e Assistência Social.

Outra conclusão, e uma das mais significativas: a determinação de que o IV Encontro Comunidade Saudável seja realizado na própria região São Marcos, como forma de facilitar uma ampla participação popular e de consagrar a presença da Universidade no âmbito dos problemas reais da população de baixa renda.

Algumas ações concretas, para dar continuidade ao processo de construção da comunidade saudável na região São Marcos, foram indicadas nas oficinas temáticas promovidas ao longo do III Encontro. Os resultados das oficinas foram apresentados na sessão final do evento.

A oficina de Saúde reiterou as dificuldades para a implementação da intersectorialidade e constatou a compreensão ainda incompleta sobre o papel do agente comunitário da saúde. Como propostas de ação, a oficina indicou (a) a mobilização para que a intersectorialidade seja uma diretriz de governo municipal; (b) a busca de aliados nos diversos setores do poder público e da sociedade organizada para a reafirmação dos conceitos da comunidade saudável; (c) a ampliação das ações de comunicação de massa e, entre outras; (d) a prioridade para as ações casa-a-casa para o sistema preventivo de saúde.

Os desafios para a concretização da intersectorialidade também foram reafirmados pela oficina de Educação Continuada. De modo específico, constatou-se a falta de interação nos projetos de qualidade de vida voltados para o desenvolvimento da criança e adolescente. Uma medida concreta apontada foi o empenho coletivo pela reabertura em condições adequadas do Espaço Esperança, inclusive como um símbolo da perspectiva de construção em bases consistentes da comunidade saudável.

Já a oficina de Economia Solidária centrou-se na realidade específica das cooperativas populares de reciclagem de resíduos. Problemas detectados: (a) falta de espaços para armazenamento adequado dos resíduos coletados; (b) risco dos trabalhadores em contrair doenças e, entre outros; (c) problemas gerais como violência, poluição ambiental e aumento do desemprego. A estruturação de cooperativas de reciclagem de resíduos, em condições adequadas e com apoio da ITCP da Unicamp, foi considerada uma ação propícia e viável a curto prazo.

Em resumo, o III Encontro Comunidade Saudável mostrou como ainda representa um enorme desafio a implantação dos conceitos

do Programa Municípios/Comunidade Saudável, nos termos defendidos pela OPAS/OMS. Universidade, setor público e comunidade organizada ainda estão aprendendo, na prática, como dialogar e procurar meios concretos de ação em conjunto.

Contudo, o III Encontro também renovou a enorme expectativa e a esperança despertada pela nova visão de saúde proposta pela OPAS/OMS. A participação qualificada dos agentes comunitários de saúde e de outras lideranças populares da região do São Marcos confirmou como essa visão já está alcançando raízes profundas na comunidade, que a cada dia se torna mais consciente do seu papel e do potencial de transformação da sua própria realidade, com base em ações eficazes nas áreas de Saúde, Educação, Meio Ambiente, Moradia, Geração de Renda e Emprego, entre outras.

Com uma comunidade saudável, as pessoas terão de fato saúde plena e alcançarão seu desenvolvimento integral. Em poucas palavras, comunidade saudável significa cidadania de fato, com o respeito aos direitos básicos do ser humano. Essa noção está se firmando entre a população de uma das regiões de maiores desafios sociais de Campinas, mas que ao mesmo tempo é uma das regiões com maior potencial transformador, por seu rico capital humano e social.

Questões para debate nas comunidades

1. O que ainda falta para termos uma comunidade realmente saudável?
2. Quais são os nossos aliados no processo de construção de uma comunidade saudável?
3. Como podemos estreitar os laços com nossos aliados, para atingirmos os nossos objetivos?
4. Existe uma ação integrada entre os diferentes recursos sociais presentes em nossa comunidade, como escolas, centros de saúde, Igrejas, entidades sociais, etc? Se não existe, o que é possível para conquistarmos essa sintonia?
5. Quais as áreas em que é possível construir alternativas de Economia Solidária em nossa comunidade? Como a Universidade e o setor público podem ajudar para colocarmos essas alternativas em prática?